



Nas grandes lavouras o combate ao bicho mineiro é praticado com polvilhamentos feitos por avião

QUANDO DERRUBA AS FÔLHAS DO CAFEIEIRO O BICHO MINEIRO REDUZ A SAFRA FUTURA

G. DUVAL

Uma das mais fulminantes campanhas de fomento agrícola ocorreu na safra 47/48: cerca de dez milhões de quilos de um inseticida, praticamente desconhecido até então, foram jogados sobre cafézais em São Paulo e Paraná para aniquilar o poderio da broca do café. Essa campanha, afinal, correspondia ao reverso da medalha, porquanto, um ano antes, a broca assolara as lavouras, enchendo de desolação os sacos de colheita.

“ATIROU NO QUE VIU...”

Passam-se dois anos e, quando se faziam prognósticos de utilização de inseticidas em escala descomunal, eis que a broca entra em colapso: — os invernos secos, prejudicando sua proliferação e a rotina anterior dos polvilhamentos, dando cheque a essa praga, pareciam ter liquidado para sempre essa ameaça da lavoura cafeeira e dispensado o tratamento químico.

Exultaram os cafeicultores aliviados! Já se podia guardar o saldo dos inseti-

cidas e as máquinas polvilhadeiras! Mas, quando pretendiam fazer isso, começaram a notar que, onde havia sido passado o “veneno”, algo de estranho acontecera. Alguns, mais entusiastas, chegaram a pensar que o pó inseticida também tinha propriedades fertilizantes, pois o cafezal tratado permanecia mais verde.

Não tardou a vir a explicação: o inseticida BHC, usado contra a broca, também se mostrava eficiente contra a praga do bicho mineiro. O BHC, como chumbo miúdo, matara não só a broca do café como, ao mesmo tempo, outra praga